

DUAS TRADUÇÕES DO "FAUSTO"

LAURO JUSTUS

"Fausto", a obra máxima da literatura de língua alemã, fulguração suprema do gênio de Goethe, constitui um poema de rara beleza e representa um patrimônio cultural que honra a inteligência humana. "Fausto" baseia-se na velha lenda germânica do sábio decrépito que vendeu sua alma ao demônio a fim de fruir uma segunda juventude; esse bem lhe foi concedido, mas à custa de quanta desgraça alheia! Margarida, sua amante, envenena a própria mãe, mata seu filho, vê morrer seu irmão, e enlouquece, finalmente.

Esse é o substrato básico da obra, o pretexto romântico, pois na realidade o poema, que levou de 1773 a 1832 para ser composto, representa um verdadeiro repositório das experiências e das idéias morais e científicas do autor; é incluído em muitos trechos, como no "Sonho da noite de Walpurgis" e na "Segunda Parte", de um simbolismo de tal maneira obscuro que, ainda hoje, os seus exegetas não conseguiram destrinçar.

Não é ao poema em si que iremos dirigir a nossa atenção, pois para interpretá-lo, ou criticá-lo, falece-nos conhecimento; pretendemos unicamente comparar duas das traduções do "Fausto" para a língua portuguesa, uma delas, a mais antiga, de Castilho e a outra, mais recente, de Jenny Klabin Segall. A primeira surgiu em Portugal nos fins do século passado e a segunda foi editada em São Paulo há cerca de 3 anos.

Castilho, segundo deixa claro no prefácio de sua obra, não conhecia a língua germânica e fundamentou o seu trabalho na tradução que seu irmão, José Feliciano, fizera do poema. Esta tradução, embora fiel e mais ou menos literal, era pobre em recursos literários, mas teve o condão de inspirar o grande literato português a elaborar uma nova tradução, mais afastada, talvez, do texto original, porém impregnada igualmente do espírito goethiano e muitíssimo mais rica em conteúdo artístico. Castilho realizou uma verdadeira transplantação do poema para a língua portuguesa e que, não obstante o seu desconhecimento do idioma alemão, redoundo em magnífico trabalho literário, reconhecido como digno do original.

Jenny Klabin Segall, a quem a literatura brasileira fica a dever nova tradução do "Fausto", editou a sua obra em 1949, quando todas as nações civilizadas preparavam-se para comemorar condignamente o segundo centenário do nascimento de Goethe, ocorrido naquele ano. Como diz Sergio Buarque de Holanda, no prólogo da tradução, existem para o tradutor dois caminhos: "ou este seguirá todos os aspectos formais do texto, inclusive ritmo e metro, ou procurará interpretar esse ritmo segundo as próprias inclinações e segundo o gênio e as convenções familiares da língua da tradução."

Como se observa, as duas traduções que ora comparamos apresentam cada uma as suas particularidades, pois pertencem a duas escolas, si assim se poderia dizer, de técnica interpretativa: a tradução do espírito da obra, do seu sentido, fugindo embora ao texto primitivo, e a transposição desse espírito, vasado todavia na mesma roupagem material das palavras e versos utilizados pelo autor.

Analisemos diversos trechos do poema, no seu texto original e nas duas traduções que ora apreciamos.

Na Dedicatória da tragédia de Goethe, em seus dois últimos versos, diz o vate, voltando aos dias de sua mocidade:

"Was Ich besitze, seh' Ich wie im Weiten,
Und was verschwand, wird mir zu Wirklichkeiten."
cujas soluções interpretativas, foram, para Segall:

"O que possuo vejo ao longe, estranho,
E real me surge o que se foi antanho."

e para Castilho:

"O que foi, torna a ser. O que é, perde existência.
O palpável é nada. O nada assume essência."

Esses dois versos caracterizam bem a orientação de ambas as traduções: a primeira, embora esmerada e poética, prende-se mais estreitamente ao texto de Goethe, ao passo que a segunda constitui uma transposição livre do sentido dos versos, a qual nada lhes tira em beleza.

Dado esse exemplo preliminar e elucidativo, vejamos um trecho mais extenso: no "Prólogo no Teatro", quando contracenam o Diretor, o Poeta-Teatral e o Bôbo, discorre o poeta:

"So gib mir auch die Zeiten wieder,
Da Ich noch selbst im Werden war,
Da sich ein Quell gedrängter Lieder
Ununterbrochen neu gebar,
Da Nebel mir die Welt verhüllten,
Die Knospe Wunder noch versprach,
Da Ich die tausend Blumen brach,
Die alle Tæler reichlich füllten.
Ich hatte nichts und doch genug:
Den Drang nach Wahrheit und die Lust am Trug.
Gib ungebeudigt jene Triebe,
Das tiefe, schmerzenvolle Glück,
Des Hasses Kraft, die Macht der Liebe,
Gib meine Jugend mir zurück!"

cujo texto foi assim traduzido por Segall:

"Pois restitue-me os tempos santos,
Em que me formava eu, ainda,
Em que um tesouro de aureos cantos
Da alma me fluía em fonte infinda,
Do mundo um véu cobria os males,
Milagres a alva prometia,
Em que as mil flores eu colhia
Que enchiam com fartura os vales.
Nada tinha e o bastante me era,
O anhelado da verdade e o gôsto da quimera.
Dá-me de novo o flameo ardor,
O imo extasis, pungente e rude,
A força do ódio, o afan do amor,
Sim! restitue-me a juventude!"

e por Castilho:
"Já vão longe os meus tempos de noviço,
manancial de cânticos perenes,
ignorância do mundo, inexperiência
que num botão de flor Edens previa.
Então sim, que topava em cada vale
boninas que ceifar. Eu nada tinha...
e tinha tanto!: o anhelado da verdade,
cubica d'ilusões. Oh! restitue-me
esses d'outrora indômitos impulsos:
a dita agri-dulcíssima; a energia
do aborrecer, do amar. Oh! restitue-me,
se podes, restitue-me a mocidade!"

Nesse trecho mais longo poder-se-á observar com mais precisão no que diferem as duas versões: Segall prende-se às palavras do vate alemão em cada um de seus versos, conservando-lhe a rima e o metro, trabalho ingente para quem deseja conservar-lhe igualmente a espontaneidade e o encanto; note-se que até o número de sílabas dos versos é idêntico, são todos versos octosílabos. A tradução livre de Castilho, indiscutivelmente mais poética que a primeira, foge-lhe contudo à forma literal, apreende apenas o sentido dos versos de Goethe e os transpõe em belíssimas estrofes portuguesas.

No "Prólogo no Céu", em seus últimos versos, Mefistóteles ironiza com o Altíssimo:

"Von Zeit zu Zeit seh' Ich den Alten gern,
Und hüte mich, mit ihm zu brechen.
Es ist gar hübsch von einem grossen Herrn,
So menschlich mit dem Teufel selbst zu sprechen."

Segall usa esses versos:

"Vejo, uma ou outra vez, o Velho com prazer,
Romper com Ele é que seria errôneo.
É, de um grande Senhor,louvável proceder
Mostrar-se tão humano até p'ra com o demônio."

e Castilho assim interpretou:
"E está bem conservado. Não desgosto
de o ver de vez em quando. O meu sistema
de não quebrar com ele inteliramente,
mesmo assim, não é máo. Tamarho vulto
conversar tanto à mão co'um diabrete
não é leve honraria."

O tradutor português fugiu, mais marcadamente desta vez, da forma literal germânica.

Na "Primeira Parte" da tragédia, Wagner, criado do Dr. Fausto e seu émulo na sede de conhecimentos, assim se exprime, após haver o seu patrão associado as suas ânsias espirituais para o alto com o vôo dos pássaros:

"Ich hatte Trieb oft grillenhafte Stunden,
Doch solchen Trieb hab' Ich noch nie empfunden.
Man sieht sich leicht an Wald und Feldern satt;

Des Vogels Fittich werd' Ich nie beneiden.
Wie aners tragen uns die Geistesfreuden
Von Buch zu Buch, von Blatt zu Blatt!
Da werden Winternächten hold und schen,
Ein selig Leben wärmet alle Glieder,
Und ach! entrollst du gar ein würdig Pergamen,
So steigst der ganze Himmel zu dir nieder."

o que, transfundido por Segall, assumiu esta forma:
"De horas estranhas tenho sido a presa,
Mas jamais de ânsias desta natureza.
Cansa ver lagos, campos, o pinhal,
As azas da ave não são minha escolha.
Melhor nos leva o gozo espiritual
De livro em livro, fôlha em fôlha!
Noites de inverno, então, se encham de encanto,
Ditosa vida aquece-nos o abrigo;
E se abres ainda um pergaminho santo,
Todo o céu desce a ter contigo."

Castilho deu-nos, do mesmo trecho, a seguinte brilhante versão:

"Quimeras, também eu tenho sonhado;
mas dessa casta nunca. Isto de campos
depressa me enfastia; o ser alado
para quem gosta será bom, concedo,
mas eu não tenho inveja ao passaredo.
Tem lá comparação co'os gôzos d'alma
do que anda a viajar de livro em livro
e de página em página! Há delícia
para alegrar no inverno as seroadas
como isto, que até dá calor aos membros?
Desenrolando um nobre pergaminho,
parece-me que a bemaventurança
toda se embebe em mim."

Finalmente, um último vislumbre sobre esta obra prima da cultura alemã. Na mesma "Primeira Parte", dialogam Fausto e Mefistóteles; este último lembra ao primeiro que, na terra, ele é o servidor, mas no outro mundo ele será sêrvio:

"Ich will mich hier zu deinem Dienst verbinden,
Auf deinen Wink nicht rasten und nicht ruhn;
Wenn wir uns drüben wiederfinden,
So sollst du mir das Gleiche tun."

Na tradução da poetiza brasileira ocorrem estes versos:
"Obrigó-me, eu te sirvo, eu te secundo,
Aqui, em tudo, sem descanso ou paz;
No encontro nosso, no outro mundo,
O mesmo para mim farás."

E Castilho assim os sentiu:
"Obrigó-me a servi-lo em tudo e à risca
enquanto vivo fôr, sem cansar nunca.
Depois, quando lá em baixo nos toparmos
troçamos os papéis."

Em conclusão: nenhuma das traduções que acima consideramos desmerecem o poema de Goethe, mas conservam, entretanto, cada uma das características próprias: a tradução brasileira, de Jenny Klabin Segall, mais pobre em beleza poética e polimento literário, mais rica, porém, em fidelidade, e o traslado de Castilho, verdadeira adaptação do "Fausto" ao espírito da língua portuguesa, prenhe de poesia e de graça vernácula.

x x x

Termina aqui o nosso desprezível trabalho de análise comparativa, cujo mérito único é o de relembra- esse expoente da literatura clássica universal, o maior gênio da culta Alemanha, esse humanista completo que foi Wolfgang von Goethe.